


Rolê ZN e Os 22 de Guaratiba: motos, gambiarras e barulho

Rolê ZN and Os 22 de Guaratiba: motorcycles, gambiarras and noise

Daniela Rosa

 0000-0002-7311-7889
dani.mfor@gmail.com

Resumo

Mediante etnografia junto aos motoqueiros praticantes de grau e corta giro, manobras em motos que são proibidas pelo Código de Trânsito brasileiro, investigo a produção sonora desses agentes, que são em grande parte *motoboys*. Os ruídos das motos no Rolê ZN e do grupo Os 22 de Guaratiba não são meros subprodutos do funcionamento mecânico, mas criados intencionalmente para gerar “barulho” alto e específico, refletindo um uso inventivo da máquina. Esse comportamento sonoro é analisado com base nas teorias de Salomé Voegelin, que propõe uma filosofia da arte sonora contemporânea, e de Fernanda Bruno, que vê na gambiarra uma tecnicidade criativa, em que o usuário reinventa a máquina para novos propósitos e agenciamentos.

Palavras-chave

Ruído. Arte sonora. Motos.
Periferias.

Abstract

Through ethnography with motorcyclists who perform grau and corta giro – motorbike stunts that are prohibited by the Brazilian Traffic Code – I investigate the sound production of these agents, many of whom are delivery riders. The noises produced by the motorcycles in the Rolê ZN and the group Os 22 de Guaratiba are not merely byproducts of mechanical function but are intentionally created to generate loud and specific “noise,” reflecting an inventive use of the machine. This sonic behavior is analyzed through the theories of Salomé Voegelin, who proposes a philosophy of contemporary sound art, and Fernanda Bruno, who sees gambiarra as a creative technicality, where the user reinvents the machine for new purposes and agencies.

Keywords

Noise. Sound Art. Motorcycles.
Peripheries.

Introdução

Em noite de quinta-feira, após uma apresentação musical intimista no Centro, chegamos a uma favela na Zona Norte do Rio com amigos, incluindo pesquisadores e um artista do som, em busca de algo “diferente”. Ali ocorria o Rolê ZN, um encontro de motoqueiros, principalmente *motoboys*, que gostam de empinar motos e fazer barulho com escapamentos adulterados, práticas proibidas pelo Código de Trânsito. Quando adentramos o cruzamento onde acontecia a concentração do Rolê ZN, passamos a habitar um espaço dominado pelo som. O mar de motos reunidas pintava a paisagem de diferentes tons de metal, que refletiam os *flashes* dos faróis. Não se via muita coisa, mas muito se ouvia. Os barulhos eram quentes, como o ar que saía dos escapamentos das motos e aquecia nossas canelas. Eram explosivos: PÁ! PÁ! PÁ! E causavam prazer: “acabou a depressão!”, gritou um de meus amigos.

Os ruídos mecânicos dos automóveis são frequentemente discutidos em textos sobre som, associados à urbanização, industrialização, metrópoles e classes populares. O ruído surge como efeito colateral do progresso econômico, um resíduo sonoro irritante e inevitável da máquina capitalista (Russolo, 2004; Bull, 2019; Rath, 2019; Iazzetta, 2015; Bijsterveld, 2008; Voegelin, 2010). No caso dos motoqueiros do Rolê ZN, os sons das motos não são simples subprodutos, mas criados intencionalmente para “barulhar”, emitindo ruídos altos e específicos que revelam um uso subversivo da máquina. Este texto dialoga com Salomé Voegelin e Fernanda Bruno sobre essa cultura sonora. Voegelin (2010), em *Listening to noise and silence*, propõe uma filosofia da arte sonora que desafia o cálculo modernista, convidando o corpo imprevisível ao processo. Fernanda Bruno (2017), em *Objetos técnicos sem pudor: gambiarra e tecnicidade*, vê na gambiarra uma tecnicidade criativa, em que o usuário se apropria da máquina para criar novos agenciamentos e conexões.

A etnografia, como a produção de conhecimento que é situacional e relacional e não oculta as condições da pesquisa, tem se mostrado caminho frutífero para análise do sonoro, uma vez que demonstra “sensibilidade às formas sonoras locais e sua interação com a socialidade” (Rice, 2019, p. 239). Sendo assim, as descrições neste artigo partem da observação participante na concentração do Rolê ZN no final de 2022 e de uma entrevista não estruturada realizada em 2024 com Niel e Caio, motoqueiros que participam do grupo Os 22 de Guaratiba.

A concentração do Rolê ZN



Figuras 1, 2 e 3
Printscreens de vídeos
da concentração do Rolê
ZN (Maria Bogado, 2022,
cedidas pela autora)

Eu não conhecia o Rolê ZN até ser convidada para “o último do ano”, como foi chamado o evento de 15 de dezembro de 2022, que encerrava a agenda daquele ano. O convite veio por *flyer* enviado via WhatsApp, informando o horário de concentração e saída, a quantidade prevista de “tropas” – grupos de motoqueiros de uma mesma localidade ou região – e a participação de tropas de São Paulo e Minas Gerais. Para evitar conflitos com a polícia, o panfleto digital não mencionava o local da concentração, que só foi divulgado algumas horas antes, em grupos de WhatsApp e perfis nas redes sociais. A fim de proteger os organizadores, o local do “último do ano” também não será revelado neste texto.

A concentração antecede a saída das motos e é um momento de espera, socialização e entretenimento. No “último do ano”, ela ocorreu no cruzamento de duas ruas importantes na Zona Norte, que marcam a divisão entre o “morro” (favela) e a “pista” (fora da favela). A região, com bares, uma quadra esportiva, uma quadra de escola de samba e bailes *funks*, recebeu um DJ e uma equipe de som, que são paredões de caixas de som que também sonorizam os bailes *funks*. Parte de uma rua inclinada foi usada como “rua do grau”, onde pilotos faziam a manobra de empinar a moto, com cones dividindo as faixas. No topo, onde as motos ficavam de pé, uma lua crescente emoldurava o cenário, enquanto centenas de motos se aglomeravam na interseção, deixando o mínimo de espaço para circulação.

A energia do ambiente é de adrenalina, mesmo para quem não pilota, devido ao intenso e incessante barulho das motos: motores roncando, estampidos repetitivos e o “corta giro”, que produz o som típico destes eventos: “RAM DAM DAM DAM DAM DAM”. Segundo Salomé Voegelin (2010, p. 52), o ruído é um som insistente em sua particularidade sônica. Ele não precisa ser alto, mas deve ser exclusivo, criando uma barreira sonora que exclui outros sons (p. 43-44). Na concentração do Rolê ZN, os sons das motos eram dominantes a ponto de abafar o *set* do DJ, só sendo possível conversar aos gritos. Esses ruídos eram variados em timbre, altura, textura, duração e sensação, e formavam uma peça coletiva e espontânea, produzida por motoqueiros que haviam modificado suas motos para gerar sons específicos.

Essa prática sonora remete à ideia proposta por Luigi Russolo (2004) em seu manifesto futurista Arte dos Ruídos, de 1913, em que a música é criada por uma orquestra que vai além dos instrumentos clássicos, abraçando os sons do

mundo moderno e dessacralizando a música, devolvendo-lhe vitalidade. O ruído, contudo, como símbolo do “som do progresso” e da superação da imperfeição humana pela perfeição da máquina, já não encontra espaço na contemporaneidade, como observa Voegelin (2010, p. 43). Hoje, os artistas do som analisados pela autora “celebram a intensidade quase solipsista do som quando ele produz um barulho mais do que uma peça” (p. 43). Nesse contexto, podemos também compreender a prática dos motoqueiros que apreciam motos barulhentas, dão grau e se reúnem em grupos. Ao transformar suas motos em instrumentos sonoros de alta potência, seu objetivo não é a criação de uma peça musical no sentido clássico, mas sim “barulhar”, termo nativo usado para descrever essa produção intencional de ruído.

Segundo Voegelin (2010, p. 60), o ruído invade o corpo, direciona a respiração e transforma fisicamente o ouvinte, criando uma experiência visceral e de enraizamento. Nesse ponto, a comunicação entre aquele que ouve e o que se ouve se estreita, e o ruído se confunde no corpo, dividindo com ele sua materialidade. Quando cessa o barulho, resta a sensação de vazio deixada pela ausência de sua fisicalidade. As colocações ajudam a descrever a centralidade do som na concentração do Rolê ZN. Os sons das motos, altos e dominantes, aguçavam a escuta por sua fisicalidade insistente. Diferentemente, porém, da experiência descrita por Voegelin, os ruídos das motos não vinham de baixo para cima e prendiam o corpo no solo, mas, saídos dos escapamentos como resultado da combustão dos motores, geravam euforia e elevavam os ânimos, como explosões de energia que vinham de baixo para cima.

A atmosfera de excitação atingiu seu auge à 1h da madrugada, quando os organizadores soltaram fogos de artifício, marcando o início do percurso. Os pilotos partiram com seus motores “cantando”, intensificando os roncões, cortes de giro e estampidos, com algumas motos soltando labaredas pelo escapamento. A saída foi uma breve confusão sonora, misturando o barulho dos fogos e das mais de 100 motos reunidas. Em meio à barulhada, uma moradora da comunidade riu e gritou: “Isso é Rio de Janeiro!”. Em êxtase, o som das motos dominou o ambiente até desaparecer, permitindo finalmente a audição do *funk*. Ao levar consigo o território sonoro que criaram, levaram também um pouco de nós, restando no peito um vazio.

Os 22 de Guaratiba¹

Enquanto escrevia este artigo, pela janela de minha casa, no bairro de Barra de Guaratiba, Zona Oeste do Rio, ouvia o som rascante do corta giro e das motos com escapamento adulterado. Por intermédio de um amigo, realizei uma entrevista não estruturada com dois jovens motoqueiros habituados a essas práticas.

Daniel, ou Niel, tem 25 anos e é *motoboy* desde os 14. Natural de Inhoaíba, vive há sete anos em Barra de Guaratiba. Ao longo dos anos, comprou e vendeu várias motos, e chegou a perder uma por falta de regularização. Atualmente, está na sua sexta moto, uma Honda Pop 100 cilindradas, que, apesar de não ser muito potente, “berra”² bastante. Caio, de 18 anos, é de Itapuca, também em Barra de Guaratiba. Comprou uma Honda 125 cilindradas há dois anos, juntando dinheiro trabalhando em obras, e agora, assim como Niel, trabalha como entregador. Caio aprendeu a pilotar com seu tio, enquanto Niel aprendeu na favela, praticando com motos de outras pessoas. Ambos aperfeiçoaram suas manobras e técnicas para fazer barulho com motos com a ajuda de amigos experientes.

Niel e Caio fazem parte do grupo de WhatsApp Os 22 de Guaratiba, que reúne motoqueiros de Ilha e Barra de Guaratiba. Segundo Niel, cerca de 80% dos membros também trabalham como *motoboys*. Pelo grupo, eles organizam seus “rolezinhos”, eventos semelhantes ao Rolê ZN, mas menores e concentrados na região onde moram. Caio comenta que cerca de 10 a 15 motos costumam participar, percorrendo a área do Recreio, passando pela serra e pela orla, onde não há iluminação pública, mas os faróis e piscas das motos iluminam o caminho. Durante o percurso, vão barulhando, fazendo cortes de giro e soltando os estampidos chamados de “pipoco”. Além de marcar os rolezinhos, os motoqueiros utilizam o grupo Os 22 de Guaratiba para fazer “rolo de peças”. Ou seja, trocar uns com os outros peças de moto e “quando dá pra dar, dá”, diz Niel. Ele explica que existe união entre os *motoboys*, que costumam ajudar-se uns aos outros.

Niel e Caio ensinam que a variedade dos sons que podem ser produzidos por motos depende do tipo do “cano” (escapamento) e das peças que podem ser

¹ “22” é gíria para “maluco” no sentido de “inconsequente”.

² Nessa seção, todas os termos e frases entre aspas são provenientes das falas de Niel e Caio durante a entrevista realizada em setembro de 2024.

adicionadas ou retiradas. O escapamento de uma moto é um tubo de exaustão, que direciona o ar quente da combustão do motor para o ambiente externo. Além de otimizar o motor e economizar combustível, o escapamento é responsável pela filtragem dos gases poluentes e abafamento dos ruídos do motor. Assim, o interior do tubo é todo preenchido por telas, mantas e bloqueios visando reter o máximo de som possível. Com o intuito de aumentar o volume de som emitido pelas motos, seus donos adulteram esse sistema de filtragem e abafamento, liberando o barulho ali contido e fazendo a moto “cantar”.

Existem diversos tipos de escapamento, como o Estralador, que produz som estalado ao acelerar, e o Esportivo. Embora tenha as mesmas funções do modelo silencioso, o escapamento esportivo é maior, proporcionando mais potência ao veículo e ronco mais grave e alto.³ Caio substituiu o escapamento silencioso original de sua moto por um Minifortuna esportivo. Para Niel, isso torna a moto de Caio mais “esplanosa”, ou seja, mais visada pela polícia. Para evitar problemas, Niel manteve o escapamento silencioso original, mas removeu o filtro e colocou uma arruela no cano, o que, segundo ele e Caio, faz a moto “assoviar”. Caio também descreve outras formas de modificar o escapamento: usar cabos de vassoura de alumínio para fazer apitos, cortar o cano para criar uma “banana” com som alto, ou retirar toda a parte interna dos modelos Boca 0 ou Boca 8, deixando a moto só na lata, ou “desmiolada” – que produz um som que “deixa maluco” ao mesmo tempo que “fica um barulho gostoso”. Eles explicam que são capazes de realizar eles próprios essas alterações porque não dizem respeito ao motor, mas envolvem apenas desmontar, trocar e montar as peças.

Além das peças e do tipo de escapamento, o corpo do motociclista também tem influência no som. O som mais popular é o do “corte de giro”, que, segundo Niel, soa como se a moto implorasse para andar: “annnnnnndaaaaaa”. Para alcançar esse som, o motociclista gira o punho direito ao máximo enquanto segura a embreagem, acelerando sem deixar a moto se mover. Niel explica que o movimento do braço que acelera controla o volume do som emitido pelo corta giro. Também é possível fazer isso com a moto em movimento, acelerando sem mexer na embreagem e nas marchas, forçando o motor a operar em uma marcha

³ Dentre os vários modelos de cano, destacam-se: Boca 0, Boca 8, Boca Dupla, Fortuna, Minifortuna, Minitrioval, Polimet e Doren. Cada um altera a fisicalidade dos ruídos emitidos. Com exceção do Doren, que custa mais de mil reais, os escapamentos mais comuns variam de R\$ 150 a R\$ 300.

inferior à programada pelo ECU (Unidade de Controle do Motor), que regula a rotação por minuto (RPM). O som do corta giro, em qualquer de suas variações, é uma gagueira áspera, tremulante e estridente.

Outro som produzido pela moto é o “tiro” ou “pipoco”, estampidos que variam dependendo do escapamento e suas peças. Para gerar esses sons, o motociclista acelera a moto parada, em ponto neutro, enquanto gira rapidamente a chave de ignição, ligando e desligando o motor. Esse processo pode ser ajustado em motos carburadas ou de injeção eletrônica, o que também altera a qualidade dos ruídos. A moto parece “cuspir” gases pelo escapamento, produzindo sons altos que estouram no ar. Quando exageradas, práticas como pipoco e corte de giro podem fazer a moto soltar labaredas de fogo pelo escapamento, algo que presenciei no último Rolê ZN de 2022. Assim como no “grau”, há variações no pipoco e corte de giro, relacionadas ao movimento do motociclista: girar o punho mais rápido, apertar ou não o freio ou embreagem, entre outros ajustes.

Caio e Niel explicam que apreciam os rolezinhos, empinar motos e fazer barulho devido à adrenalina que essas atividades proporcionam. Antes de tudo, no entanto, as motos são para eles instrumentos de trabalho e, sobretudo, de locomoção, essenciais para percorrer as distâncias até opções de comércio, como o mercado local. Niel acrescenta que as manobras e o barulho atraem a atenção das mulheres: “As meninas ficam doidas, elas jogam! Só falta elas se pendurarem na moto”. Ele também vê suas práticas com a moto como um tipo de esporte, afirmando que exigem “dom” e “talento”, sendo marginalizadas, mas não mais perigosas do que o popular “globo da morte”. Quando pergunto se o barulho das motos poderia ser visto como arte, Caio concorda, dizendo que esses veículos criam ritmo e melodia.

Gambiarras de barulhar

No livro *Listening to noise and silence*, Salomé Voegelin (2010) analisa uma performance de Otomo Yoshihide no Corsica Studios, Londres, em 2005. A mesma peça, *Turntables*, pode ser vista em um vídeo de 20 de junho de 2005, no Kid Ailack Hall, Tóquio. No vídeo disponível no Youtube (Kluchevsky, 2013), Yoshihide usa um toca-discos, pratos de bateria e uma bobina de projetor para criar uma variedade de sons. Movendo um prato sobre o braço do toca-discos, ele gera diferentes zumbidos e, ao trocar por uma bobina, produz sons rochosos,

como de pedras revoltas. Seu corpo interage com o equipamento, e a sonoridade varia com os objetos e movimentos, tal como os motoqueiros que “barulham”. Em entrevista no mesmo vídeo, Yoshihide afirma não distinguir entre improvisação e composição nem entre som e ruído.

Voegelin (2010, p. 49) descreve a performance de Otomo Yoshihide como um “tumulto sônico”, uma luta contra a máquina que gera sons tão altos, que são quase inaudíveis. O ruído, como de costume, cria uma experiência visceral e dominante: “Envolvido por sua força, eu aproveito a dolorosa consciência do meu corpo sendo testado e esticado pela fisicalidade desse ruído” (p. 50). A autora destaca que a fisicalidade intensa da performance evidencia o ato de ouvir como uma experiência também corporal. Yoshihide “extrai da máquina tudo o que ela tem a oferecer, não para superar a imperfeição humana, mas para produzir extensões, perversões e contorções do corpo, com e contra a máquina” (p. 49). Seus ruídos resultam de um mau uso intencional do toca-discos, desviando-o de sua precisão técnica e tornando-o vivo e orgânico (p. 49). Voegelin enxerga na performance de Yoshihide um “desrespeito afetuoso pelo equipamento e pelo ouvinte” (p. 50).

São evidentes as conexões entre o trabalho de Yoshihide e a produção sonora dos motoqueiros do Rolê ZN e dos rolezinhos. Uns e outros subvertem o uso convencional de suas máquinas – motos ou toca-discos – para criar ruídos únicos, com cada peça e movimento corporal gerando sons que variam em timbre, altura, textura e volume. As observações de Voegelin sobre o uso “contra e com a máquina” também se aplicam às práticas dos motoqueiros. Caio, contudo, reconhece os danos que essas modificações podem causar: “Tudo isso dá ruim porque, mano, o original da moto não é pra tirar, né? Nós tira já sabendo que vai dar ruim”. Ainda assim, ele e Niel acreditam que esses danos podem ser controlados com manutenção regular e mais frequente que o usual.

Fernanda Bruno (2017), em *Objetos técnicos sem pudor: gambiarra e tecnicidade*, discute também a subversão das normas de uso das máquinas. Ela desenvolve o conceito de “gambiarra”, em diálogo com Gilbert Simondon, para refletir sobre a relação afetuosa e inventiva com objetos técnicos, que oferece “pistas para pensar uma tecnicidade que vai na contramão do divórcio entre cultura e técnica” (p.144). Simondon (apud Bruno, 2017, p. 141) observa que os objetos industriais são fechados e de funcionamento indecifrável, criando

uma distância entre o homem e a máquina. A gambiarra, por outro lado, reabre essa comunicação entre produção e uso (Bruno, 2017, p.141).

Ao desmontar, modificar e remontar suas motos, os motociclistas realizam gambiarras, deixando de ser meros usuários para se tornar produtores e conhecedores da linguagem de suas motos. Essas ações podem ser vistas como parte do “fazer gambiológico” descrito por Bruno (2017, p. 147), que envolve “pensar, compreender e amar o ser técnico como o processo mesmo de refazer, remontar, recombina suas peças, partes, esquemas, conexões, o reinventado em outras direções, propósitos, agenciamentos” (p.144).

As gambiarras que Bruno (2017, p. 142) menciona, entretanto, são aquelas aplicadas em momentos de pane técnica, quando o funcionamento do objeto fechado é interrompido ou requer melhorias. No caso dos motoqueiros, é justamente o aprimoramento de suas motos que provoca as panes, resultando nos sons que tanto apreciam. Nesse sentido, nos aproximamos novamente das colocações de Voegelin sobre o trabalho de Otomo Yoshihide. No diálogo entre as duas autoras, se pode dizer que as gambiarras dos motociclistas geram danos as suas máquinas ao mesmo tempo em que as aprimoram como instrumentos de som de alta potência.

Barulhando Copacabana

No dia seguinte ao último Rolê ZN de 2022, uma conta no X (antigo Twitter) publicou um vídeo com a legenda: “COPACABANA 3HS DA MANHÃ GRUPO DE TRAFICANTES ARMADOS (CARROS E MOTOS) ATÉ OS DENTES ATIRANDO PARA O ALTO ATERRORIZANDO OS MORADORES DE UM BAIRRO TRADICIONAL DO RIO DE JANEIRO. COPACABANA”. O vídeo, gravado na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, mostrava motociclistas descendo a Rua Miguel Lemos, enquanto uma voz feminina e arrastada identificava os motoqueiros como um “bonde de bandidos” atirando para o alto. Nos comentários, a maioria expressava medo e indignação, com poucos corrigindo que os motociclistas eram mototaxistas e entregadores, e que os ruídos eram das motos, não de armas. Entre os que fomentavam o pânico estava Ricardo Vélez, ex-ministro da Educação no governo Bolsonaro, que usou a desinformação para pedir mais operações militares em áreas periféricas. Essas operações são extremamente letais: em 2022, o Instituto Fogo Cruzado registrou 3.587 tiroteios na região metropolitana do Rio, 35% deles durante operações policiais (Rodrigues, 2024). No mesmo ano, uma operação

na Vila Cruzeiro (Torres, 2022) resultou em 26 mortes, a segunda maior chacina do estado, atrás apenas da do Jacarezinho, com 28 mortos, no ano anterior.

É interessante notar como o som influencia as diferentes percepções dos moradores sobre o território urbano. Enquanto para alguns as motos barulhentas representam a identidade da cidade do Rio, para outros elas geram insegurança, expondo a visão segregacionista com que as classes médias e altas se relacionam com o espaço. Como observa Salomé Voegelin (2010, p. 45): “O ruído amplifica as relações sociais e acompanha a luta pela identidade e pelo espaço dentro da estreita organização arquitetônica e demográfica de uma cidade”.

Além de estigmatizados, os motociclistas que praticam grau e corte de giro enfrentam a repressão policial. Essas manobras são infrações gravíssimas segundo o Código de Trânsito brasileiro (artigos 174 e 244), e escapamentos adulterados, como os das motos “desmioladas”, violam o Artigo 230, que proíbe descarga livre. Durante a madrugada, os motoqueiros estão sujeitos a abordagens policiais, e muitos *motoboys* trabalham sem habilitação e em motos não regulamentadas. Caio e Niel já perderam suas motos em abordagens policiais, Caio durante uma carreta em homenagem a um amigo *motoboy* falecido. Niel explica: “a moto não é roubada, mas tá atrasada, pneu tá careca, não tem uma seta, entendeu? Porque nós é humilde...”. Eles optam por motos usadas e de menor potência por ser mais acessíveis, mas a perda gera frustração e dificulta o trabalho e acesso a serviços essenciais. “Pô, tem gente que não tem condição de ter uma motinho que tá em dia. O cara vai lá e leva o teu negócio suado, que tu custou pra ter”, lamenta Niel.

Niel propõe uma solução para tornar mais seguras as práticas de grau, corte de giro, pipoco e outras modificações nas motos, que ele vê como uma mistura de esporte e lazer. Ele sugere a criação de um espaço dedicado, onde os motoqueiros poderiam “brincar” e “zoar” sem incomodar os transeuntes, vizinhos ou causar riscos a si mesmos. Sua visão é de uma arena com pistas próprias para as manobras, cercada por arquibancadas para o público assistir. Um local parecido, embora sem as arquibancadas, é o chamado Parque, um antigo parque aquático abandonado, com pistas longas onde os motoqueiros do grupo Os 22 de Guaratiba vão aos domingos treinar manobras e fazer barulho. Como, porém, essas atividades são criminalizadas, é comum que a polícia as interrompa de forma truculenta, resultando em correria e fuga. “Aí é cada um por si”, relata Niel.

Conclusão

A concentração dos motoqueiros no Rolê ZN e as práticas de Niel, Caio e os membros do grupo Os 22 de Guaratiba criam experiências sensoriais intensas, nas quais o som desempenha papel dominante. Quando cortam o giro ou dão tiros com suas motos, criam sons com diferentes texturas, transformando a máquina em um instrumento de barulhos específicos. Suas motos cantam, assoviam, falam e berram. Essa apropriação sonora dialoga, em certa medida, com a performance artística de Otomo Yoshihide, evidenciando uma subversão das normas convencionais de uso de máquinas. Desde as modificações nos escapamentos até as manobras arriscadas, essas práticas revelam um uso criativo dos veículos, ecoando o conceito de “gambiarra” descrito por Fernanda Bruno (2017).

Essa subversão não vem sem riscos. Ela destaca diferentes concepções de cidade e seus conflitos de classe. As formas de habitar o Rio de Janeiro são moduladas pelo som, que expressa dinâmicas sociais, culturais e políticas. Ao transformar suas motos em instrumentos de barulho, os motoqueiros desafiam normas estabelecidas e produzem saberes próprios de uma cultura que valoriza o som, o movimento e a adrenalina.

Daniela Rosa é doutoranda em antropologia social, na linha Antropologia Urbana, no Museu Nacional-UFRJ, bolsista Capes. Mestre em comunicação e cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ, com fomento de bolsa CNPq.

Referências

- BIJSTERVELD, Karin. *Mechanical sound: technology, culture and public problems of noise in the twentieth century*. Cambridge: The MIT Press, 2008.
- BRUNO, Fernanda. Objetos técnicos sem pudor: gambiarra e tecnicidade. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 136-149, 2017.
- BULL, Michael (org.). *The Routledge Companion to Sound Studies*. New York/London: Routledge, 2019.
- IAZZETTA, Fernando. Estudos do som: um campo em gestação. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação Sesc*. São Paulo, n. 1, p. 146-160, nov. 2015.

KLUCHEVSKY. *Otomo Yoshihide 2005 year. Performance and interview*. Youtube, 17 abr. 2013. Disponível em: https://youtu.be/oMQFtY6X_V8?si=l0rwtGkX4Hb3F-xy. Acesso em 20 set. 2024.

RATH, Richard Cullen. Silence and noise. In: BULL, Michael (org.). *The Routledge Companion to Sound Studies*. New York/London: Routledge, 2019.

RICE, Tom. Ethnographies of sound. In: BULL, Michael (org.). *The Routledge Companion to Sound Studies*. New York/London: Routledge, 2019.

RODRIGUES, Léo. Duas mil pessoas foram baleadas na região metropolitana do Rio em 2022. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 31 jan. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-01/duas-mil-pessoas-foram-baleadas-na-regiao-metropolitana-do-rioem-2022#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20levantamento,feridos%2045%25%20dos%20tiroteios%20mapeados>. Acesso em 21 set. 2024.

RUSSOLO, Luigi. *The art of noise (futurist manifesto, 1913)*. [s.l.]: Ubuclassics, 2004.

TORRES, Livia. Operação da Vila Cruzeiro deixa 23 mortos, diz Polícia Civil. G1, Rio de Janeiro, 26 maio 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/26/mortos-naoperacao-da-vila-cruzeiro.ghtml>. Acesso em 21 set. 2024.

VOEGELIN, Salomé. *Listening to noise and silence: towards a philosophy of sound art*. New York/London: Continuum, 2010.

Como citar:

ROSA, Daniela. Rolê ZN e Os 22 de Guaratiba: motos, gambiarras e barulho. Dossiê arte sonora para além da arte sonora. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 30, n. 48, p. 221-233, jul.-dez. 2024. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n48.11>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>